

Impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação

Ana Cristina Carneiro dos Santos¹, Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares²

¹ <https://orcid.org/0000-0002-9740-1964> Universidade de Brasília, Brasília/DF. anacarneiro1000@gmail.com

² <https://orcid.org/0000-0002-8920-0150> Universidade de Brasília, Brasília/DF. lillianmariaalvares@gmail.com

Resumo: A Ciência da Informação é um campo científico que se encontra ainda em construção conceitual, assim, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da área, este artigo tem como objetivo identificar pontos de contato entre a Ontologia da Linguagem e a Ciência da Informação e propor uma análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi de caráter exploratório, descritiva, de natureza qualitativa e recorreu ao levantamento bibliográfico. A identificação de pontos de contato entre as duas áreas de estudo possibilitou a percepção de que, tanto para a Ontologia da Linguagem quanto para a Ciência da Informação, interessa a ampliação do entendimento do que se passa por traz do modo de agir das pessoas. A análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários contribuiu para situar a importância das conversas e suas consequências nas redes de compromissos que permeiam as unidades de informação. A pesquisa fornece insumos para o questionamento do papel dos profissionais e dos usuários como agentes ativos no processo informacional. Também fornece insumos para o desenvolvimento de alternativas de intervenção profissional nas unidades de informação, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem; Ontologia da Linguagem; Ciência da Informação.

1. Introdução

Observando os desafios contemporâneos da Ciência da Informação, o artigo traz os princípios básicos da Ontologia da Linguagem, expressão cunhada por Rafael Echeverría (1997) para oferecer uma nova concepção integradora do fenômeno humano, e suas intersecções com a Ciência da Informação, considerada a partir das perspectivas física, cognitiva e social de Rafael Capurro (2003). Nessa área de interações, propõe a análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. Esta análise visa fornecer insumos para o desenvolvimento de alternativas de intervenção profissional nas unidades de informação, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da Ciência da Informação.

2. Metodologia

A pesquisa pode ser classificada como qualitativa, visto que há a necessidade de se entender o que está por trás do fenômeno estudado, isto é, as diferenças entre a compreensão descritiva e a compreensão generativa da linguagem para a Ciência da Informação. Com base em seus objetivos, também pode ser classificada como exploratória, pois pretende investigar e aprimorar ideias sobre um assunto que requer uma investigação na literatura sobre a Ciência da Informação que nos dessem condições para refletir sobre os aspectos epistemológicos da área e os postulados e princípios básicos da Ontologia da Linguagem. Também é uma pesquisa descritiva, pois pretende levantar e descrever características do fenômeno investigado à luz da literatura. Em relação aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, por usar como fonte de consulta, materiais já publicados: livros, artigos científicos, anais de congressos, teses e dissertações relativas aos temas investigados.

3. Da antiguidade à contemporaneidade

“Sendo conhecimento, informação e comunicação conceitos indissociáveis (para nós, cientistas e profissionais da Ciência da Informação), é surpreendente observar a baixíssima frequência com que os filósofos da modernidade e da pós-modernidade utilizam os termos informação e comunicação na formulação de suas reflexões.” “... a filosofia pôde e continua a poder especular sobre o conhecimento (suas origens, seus tipos, sua confiabilidade em relação a uma “realidade” objetiva, seu conteúdo de verdade, etc.)” (ROBRERO, 2007, pp. 59-61)

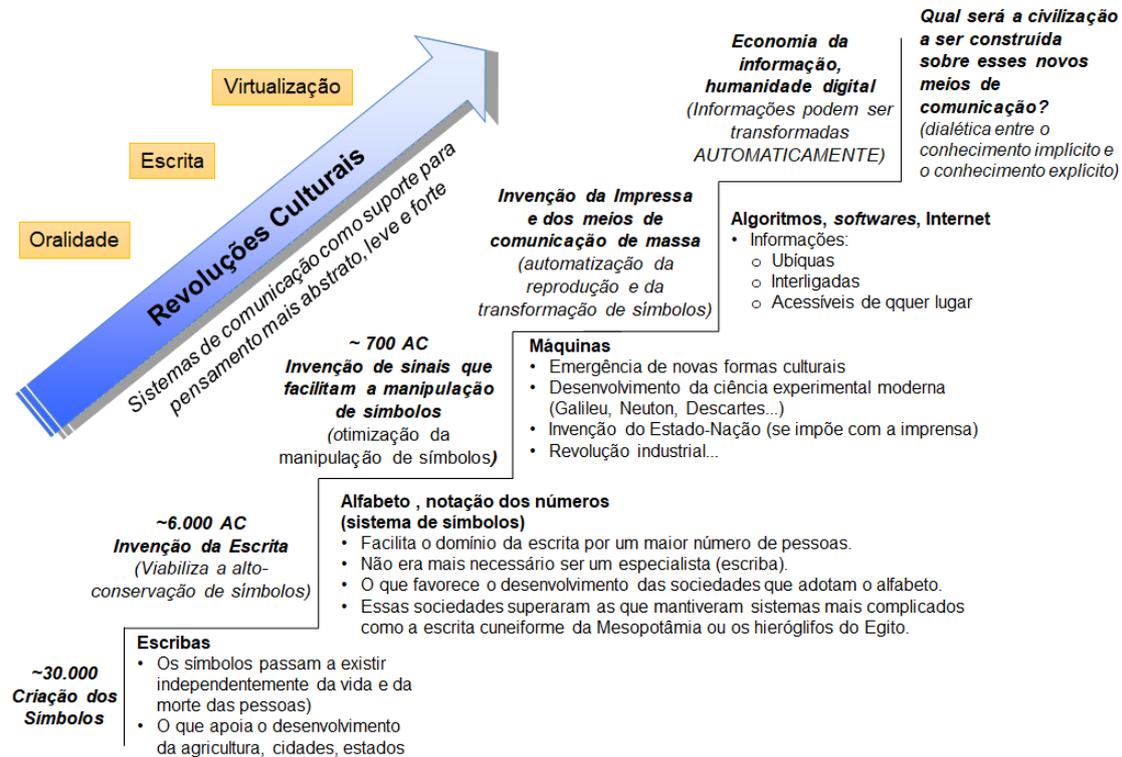
Antes da invenção do alfabeto, os seres humanos viviam no que chamamos de "linguagem de tornar-se". A linguagem e a ação estavam intimamente ligadas e os poetas ensinavam por meio de narrativas das ações. A invenção do alfabeto originou mudanças fundamentais na sociedade. Nossas noções de educação, sabedoria e convivência social foram profundamente transformadas. A democracia foi inventada. Mas o mais importante e invisível foi a transformação de nossas categorias "mentais", na forma como os seres humanos pensam sobre si mesmos e sobre o mundo (ECHEVERRÍA, 1997).

Entretanto, tudo isso só foi possível porque os homens, diferentemente dos animais, são capazes de manipular símbolos complexos. Essa capacidade de abstração e memória possibilitou aos seres humanos darem verdadeiros saltos evolutivos. Esse crescimento exponencial permitiu nos últimos séculos uma geração de conhecimento maior que em centenas de milhares de anos. Os seres humanos tornaram-se independentes de suas limitações biológicas.

De acordo com Levy (2014), cada vez que aumentamos a capacidade humana de manipulação de símbolos tem-se uma transformação na civilização. Trazendo para os dias atuais, nossas capacidades narrativas permitem-nos produzir e receber os modelos espaço-temporais complexos dos fenômenos, as narrativas nas quais os autores (indivíduos gramaticais) provocam diversas transformações (verbos) em objetos de um complexo entrecruzamento de sequências causais e de citações em cascata.

A seguir, na Figura 1, apresentamos uma síntese do percurso histórico do sistema de comunicação humano e alguns pontos de contato com o processo de representação, armazenamento e recuperação da informação ao longo dos anos.

Figura 1: História dos sistemas de comunicação humano



Fonte: elaboração própria

De forma paralela, ao realizar um mapeamento resumido da trajetória filosófica ocidental desde a antiguidade até a contemporaneidade, destacamos quatro momentos. O primeiro, em Aristóteles, quando somos considerados “animais políticos” porque temos a linguagem. Porém, a linguagem entendida como capaz de traduzir a verdade e o conceito a respeito das coisas. O segundo momento, diz respeito à idade média, quando a reflexão sobre a lógica questiona porque as coisas têm os nomes que têm. Nos debates conhecidos como a “querela dos universais” uma das questões era “os nomes das coisas estão nas próprias coisas ou são apenas convenções criadas pelos homens?”. No terceiro momento, no período moderno, a lógica é absorvida pelas questões matemáticas. A lógica formal é usada para diminuir os erros de questões relacionadas à matemática. O quarto momento refere-se ao período contemporâneo, quando na virada da linguagem surgem reflexões tais como: o que é a linguagem? Quais são as possibilidades da linguagem? Crescem as discussões sobre o processo de interpretação daquilo que é dito. Surge a Filosofia da Linguagem, ramo da filosofia que estuda filosoficamente a linguagem.

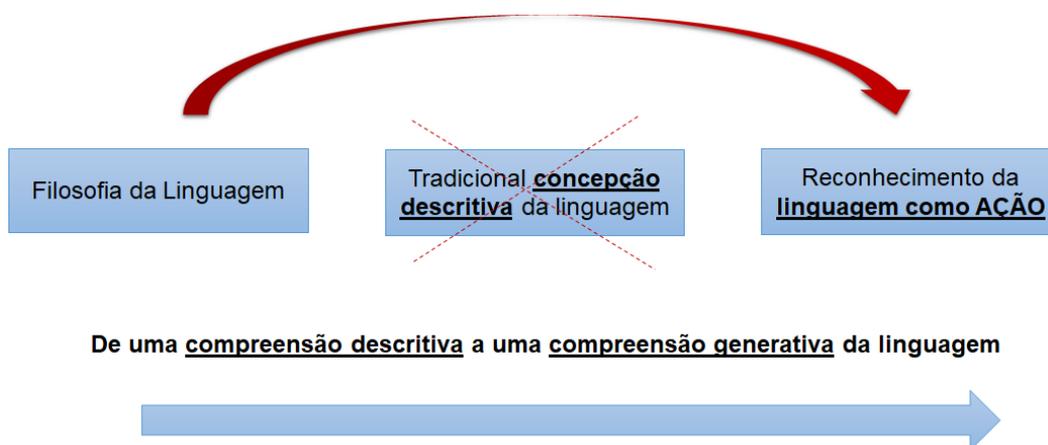
Da Filosofia da Linguagem surge a Ontologia da Linguagem que ao referir-se à compreensão do significado do que é ser humano apresenta os postulados e princípios básicos descritos a seguir.

4. Ontologia da linguagem: postulados e princípios

O final do século XIX busca o desenvolvimento e o entendimento da linguagem a partir de uma reflexão filosófica sobre ela e, assim, contribui para uma nova concepção

sobre o que é ser humano. Tal como demonstrado na Figura 2, a “virada linguística” coloca a linguagem em um lugar que jamais havia sido colocada antes, oferecendo um conjunto de interpretações que promovem a transformação de uma compreensão descritiva para uma compreensão generativa da linguagem, mudando por completo a forma como a entendíamos anteriormente.

Figura 2: Virada linguística



Fonte: elaboração própria

Nesse cenário de mudança, a Ontologia da Linguagem representa um esforço para oferecer uma nova interpretação do que significa ser humano, uma interpretação que afirma estar fora dos parâmetros do programa metafísico que há muito serviu de base para como observamos a vida. Nessa perspectiva, o social, para o ser humano, é constituído em linguagem. Todo fenômeno social é sempre um fenômeno linguístico ECHEVERRÍA (1997). A seguir, os postulados e princípios básicos formulados por Rafael Echeverría (1997) no seu livro “Ontologia da Linguagem”.

Postulados básicos:

1. A interpretação dos seres humanos como seres linguísticos.
 - A linguagem é, acima de tudo, o que faz dos seres humanos o tipo particular de seres que são.
 - Na linguagem damos sentido à nossa existência e é também da linguagem que podemos reconhecer a importância dos domínios não linguísticos.
2. A interpretação da linguagem como criadora/gerativa.
 - Através da linguagem não só falamos sobre as coisas, mas também alteramos o curso espontâneo dos acontecimentos: fazemos as coisas acontecerem.
 - Se linguagem é ação, linguagem cria realidades. Ao dizer o que dizemos, ao dizer isso de um jeito e não outro, ou não falamos nada, abrimos ou encerramos possibilidades para nós mesmos e, muitas vezes, para outro.
 - Quando falamos, modelamos o futuro, o nosso e o que ouvimos ou não ouvimos dos outros, a nossa realidade futura é moldada de uma forma ou de outra.
3. O entendimento de que os seres humanos se desenvolvem na linguagem e por meio dela.
 - A vida é o espaço em que os indivíduos se inventam.

- “*Como nos dice Nietzsche, en el ser humano la creatura y el creador se unen*” (ECHEVERRÍA, 1997, p. 23).
- Sujeito ao condicionamento biológico, natural, histórico e social, os indivíduos nascem com a possibilidade de participar ativamente do design de seu próprio modo de ser. Esta é a promessa que a Ontologia da Linguagem formula.

Na Ontologia da Linguagem, o termo ontologia refere-se à nossa interpretação do que significa ser humano, à nossa interpretação sobre as dimensões constituintes que todos compartilhamos como seres humanos e que nos dá uma maneira particular de ser.

Princípios gerais:

1. Primeiro princípio (reconhecimento do que é dito):
 - Nós não sabemos como são as coisas.
 - Só sabemos como os observamos ou como os interpretamos.
 - Vivemos em mundos interpretativos.
2. Segundo princípio:
 - Não só agimos de acordo com a forma como somos (e fazemos), também somos de acordo com a forma como agimos.
 - A ação gera ser.
 - Você se torna um de acordo com o que você faz.
3. Terceiro princípio:
 - Os indivíduos atuam de acordo com os sistemas sociais a que pertencem.
 - Mas, através de suas ações, podem mudar esses sistemas sociais.

5. Percurso epistemológico da Ciência da Informação

A história permite observar mudanças que impactam o enfoque epistemológico dos campos de estudo da Ciência da Informação. Assim como outros autores, Capurro (2003) apresenta o percurso epistemológico da área por meio de três paradigmas – físico, cognitivo e social – que, embora tenham surgido em momentos diferentes, não são excludentes, mas complementares.

No meio do século XX, em um cenário pós-guerra e permeado por competições no âmbito político, militar e informacional, a Ciência da Informação busca estudar as propriedades e comportamentos da informação (BORKO, 1968) e a efetiva comunicação dos registros humanos (SARACEVIC, 1995). Amparada por uma perspectiva física, inspira-se na teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver (1949) e trabalha na construção de instrumentos para fazer com que o processo de transporte de mensagens seja mais barato, rápido, eficiente e com menos perda.

No final dos anos 70 e 80 com as reivindicações para a inclusão do conceito de conhecimento à Ciência da Informação, surge a perspectiva cognitiva. Inspirado na filosofia dos três mundos de Popper (mundo 1 - físico, os objetos, as coisas que existem; mundo 2 - ideias, as coisas que pensamos; mundo 3 - mundo 2 transformado em mundo 1 (torna acessível o que está na mente), Brookes (1980) propõe a equação fundamental para a Ciência da Informação que tem foco não apenas no processo de produção, mas principalmente, no efeito desse processo naquilo que conhecemos no mundo. Nessa perspectiva, os modelos mentais são transformados durante o processo informacional.

Nos anos seguintes surgem subáreas como gestão, representação e comportamento dos usuários. Consolida-se o modelo cognitivo e a Ciência da Informação caracteriza-se como uma ciência interdisciplinar, pós-moderna e social. Nesse cenário, Gómez (1990) trata do caráter poli-epistemológico da Ciência da Informação que permite a

convivência de modelos explicativos distintos dentro da mesma área. Bulckland (1991), coloca que o ser “informativo” é circunstancial e que objetos que ninguém nota não podem ser informação. Para o autor, a Ciência da Informação estuda atos, objetos tangíveis e intangíveis e tem como objetivo criar instrumentos para lidar com o conhecimento humano registrado (desde uma perspectiva cognitivista). Nesse cenário, o modelo cognitivista substitui a perspectiva objetiva por uma perspectiva subjetiva de tratar a informação.

De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 157), “todos os universos socialmente construídos modificam-se e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos”. Assim, a realidade é um produto da sociedade que, por sua vez, é construída pelo próprio homem. Logo, o homem constrói a sociedade e é também influenciado por ela. No início do século XXI, Robrero (2003, p. 95) reflete sobre o questionamento ao paradigma de Borko (1968) e aponta para correntes que enfatizam “aspectos socioeconômicos e socioculturais dos fluxos e de sua relação com a gênese de novos conhecimentos”. Informar é o processo pelo qual os seres humanos geram documentos e usam documentos existentes e a informação é o “dado interpretado”, só pode ser definida em um cenário específico e depende do observador (CAPURRO, 2003). Emerge, então o modelo sociocultural.

Nos dias atuais, conforme colocado por Araújo (2018), a Ciência da Informação lida, concomitantemente, com os três paradigmas (físico, cognitivo e social) e busca estudar os processos pelo quais os seres humanos produzem documentos, utilizam documentos, geram e acumulam conhecimentos que interferem na construção da realidade. Ao discutir as tendências contemporâneas da Ciência da Informação, o autor chama a atenção para a necessidade de uma Ciência da Informação que estude e atue diante de desafios, tais como:

- Muito acesso à informação, mas alta concentração de conteúdo informacional que privilegia apenas alguns polos informacionais, línguas e povos.
- Acesso à informação não universal.
- Usuários que não necessitam mais de serviços de “balcão”, (tradicional nas atividades informacionais nas bibliotecas), mas sim de acesso e disponibilidade informacional em rede.
- Diferentes maneiras de estudar a competência da informação (critérios críticos, éticos e técnicos).
- Memória e preservação das informações e dados das redes sociais, de caráter público.
- “Preguiça cognitiva”. Temos acesso à informação, mas não verificamos a veracidade.
- Transparência pública, *accountability*, lei de acesso à informação, cidadania.
- Preocupações e valores da UNESCO, a inclusão, democracia, diversidade, paz, crítica, educação, caráter público e herança cultural.

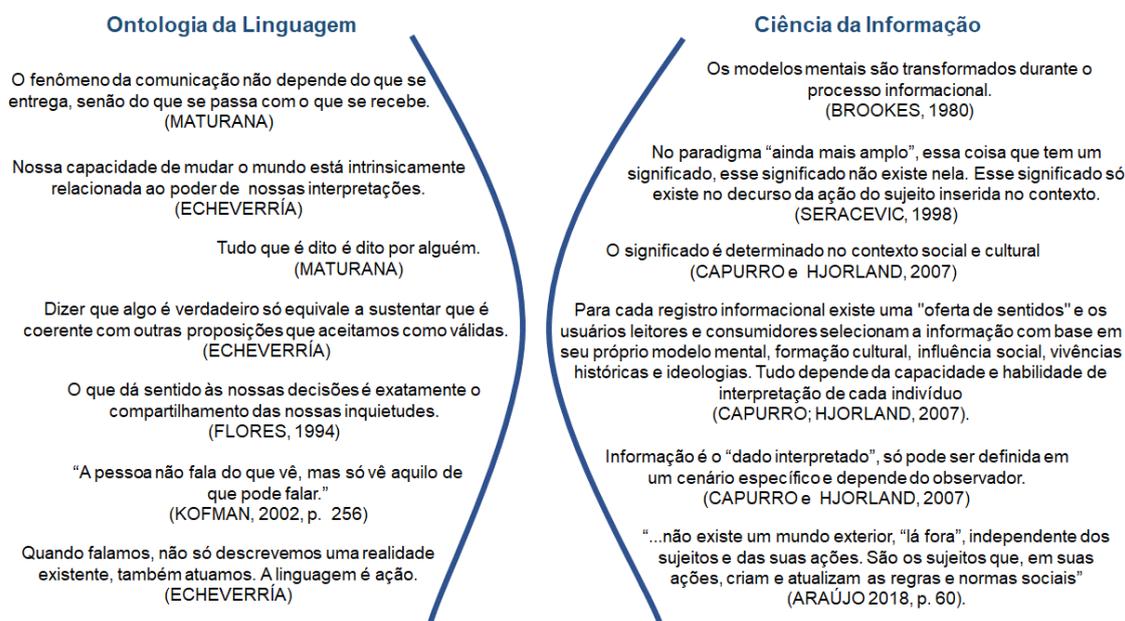
Vale ressaltar que desde as décadas de 70 e 90, Wersig (1975; 1993) aborda aspectos relacionados a responsabilidade social da Ciência da Informação e sua inserção na pós-modernidade. Para o autor, o desafio da Ciência da Informação não é encontrar um objeto novo de estudo, mas sim estudar de um jeito novo aquilo que tem sido estudado por outras áreas de conhecimento. “Since everything is connected with everything somehow information science would have to develop some kind of conceptual navigation system (which perhaps develops into the postmodern form of theory). This is the difference between the information scientist and the weaving bird:

The latter already has its plans provided by evolution. In our case the next step of evolution in science waits to be done, by whomever” (1993, p. 239).

6. Ontologia da linguagem e Ciência da Informação

Um olhar atento sobre a trajetória da Ciência da Informação e da Ontologia da Linguagem, ambas nasceram em meados do século XX, permite identificar pontos de contato entre as preocupações epistemológicas dos autores dessas duas áreas. A Figura 3 chama a atenção para alguns desses pontos.

Figura 3: Ontologia da Linguagem e Ciência da Informação



Fonte: elaboração própria

De acordo com Kaye (1995), o ser humano é rico e dá sentido às informações recebidas em relação a uma determinada tarefa, experimentando conseqüentes emoções, e lidando com os limites da mente e as incertezas e complicações de fontes de informação - tudo dentro um contexto social ou de uma organização particular. Logo, a informação passa por uma construção psicológica e social que depende das circunstâncias.

Nas duas últimas décadas as pesquisas no campo da Ciência da Informação promoveram uma série de mudanças na compreensão dos fenômenos informacionais (ARAÚJO, 2018). O autor agrupa essas mudanças em seis dimensões do conceito de informação.

1. O conhecimento não é apenas um processo de acúmulo e processamento de dados, um somatório, mas algo dialético que envolvendo apropriação e imaginação; diferente da equação inicial da Ciência da Informação, os seres humanos confrontam conhecimentos novos com o que já sabem, agem sobre o mundo e o mundo age sobre eles.

2. Os sujeitos não são apenas “mentalistas”, absorvendo dados, mas agem e interferem no mundo, em função de distintos interesses e interações; os seres humanos são seres em ação.
3. Processos informacionais não são apenas de busca e recuperação como nos anos 60, são também de produção, disseminação, recusa, uso, interpretação, etc; usuários da informação querem classificar, etiquetar, rotular, recomendar, questionar, refazer, cocriar nesse universo.
4. Informação não é um processo apenas individual, que se passa entre o sujeito e os dados, informação é algo intersubjetivo; o sujeito é sempre constituído por uma cultura.
5. Informação não se passa apenas no interior de um sistema (anos 60), a informação é contingencial, atravessada pelos contextos socio-históricos; a informação é um fenômeno profundamente afetado pela cultura, política, tecnologia, economia etc.
6. Informação não é algo que se transporta, mas um fenômeno constitutivo da cultura, da memória e das identidades. Informação é um processo a partir do qual as identidades, a cultura e a memória se forma.

Essas interpretações encontram pontos de apoio nos postulados e princípios da Ontologia da Linguagem que tem como foco a “ação”. Segundo Echeverría (1997), os seres humanos vivem na história, padecem na história, são afetados pela história. Porém, podem modificar a história.

A Ontologia da Linguagem baseia-se fortemente em conceitos antigos trazidos por Heráclito (século V a.c.), posteriormente recuperados por Nietzsche (século XIX) e trabalhados por diversos autores no período da virada linguística (século XX) que promove uma reflexão sobre os condicionantes da ação humana (sobre quais fatores nos levam a atuar como atuamos). Reconhecer que a realidade está em transformação e reconhecer que os seres humanos não só sentem e sofrem as transformações, mas, sobretudo, participam delas, são alguns dos pilares que norteiam os princípios da Ontologia da Linguagem.

Ao assumir que vivemos em mundos interpretativos, que agimos de acordo com o que somos (e fazemos), que somos de acordo com a forma como agimos e que atuamos de acordo com os sistemas sociais a que pertencemos, afetando e sendo afetados por eles, a Ontologia da Linguagem abre espaço para uma compreensão mais profunda do que se passa quando o ser humano cria, recupera, compartilha, utiliza e aplica informações e conhecimento.

Tanto para a Ontologia da Linguagem quanto para a Ciência da Informação, interessa a ampliação do entendimento do que se passa por traz do modo de agir das pessoas.

7. Impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação

Enquanto a ciência moderna dos anos 60 trabalhava de forma neutra, isolada dos problemas do mundo, dando possibilidades para que as informações fossem transmitidas de maneira cada vez mais rápida, barata e com menos perdas; a ciência pós-moderna busca reencontrar as dimensões entre ciência e virtude, trazendo para dentro dela as implicações éticas, as consequências culturais e sociais das ações científicas (ARAÚJO, 2003).

Apoiado no pensamento de autores como Wersig (1975 e 1993) que apresenta a informação como conhecimento para ação e aponta para a possibilidade de diálogo entre a Ciência da Informação e as diversas teorias sociais capazes de contribuir para a discussão de questões complexas do campo, este artigo propõe uma análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação.

De acordo com Capurro e Hjørland (2007), a Ciência da Informação deve ser mais receptiva aos impactos sociais e culturais dos processos interpretativos e às diferenças qualitativas entre diferentes contextos e mídias. Anteriormente a isso, Wersig (1993) já colocava que a área só justifica sua existência se vier a beneficiar a humanidade. Mas de que forma isso acontece, se não por meio dos profissionais e dos usuários das unidades de informação?

Tal como postulado pela Ontologia da Linguagem: seres humanos são seres linguísticos; linguagem é ação e cria realidades; seres humanos se desenvolvem na linguagem e por meio dela. Conforme mencionado no item 4, a Ontologia da Linguagem tem como foco a “ação”. Ações são realizadas por pessoas, individualmente ou em grupo, mas sempre dentro de um contexto organizacional. No âmbito da Ciência da Informação, um contexto organizacional pode ser compreendido como, por exemplo, uma unidade de informação. Mas o que é um contexto organizacional? O que é uma organização?

Segundo Winograd e Flores (1988) organizações são redes de compromissos, onde ações são articuladas e realidades são criadas. Todo o processo de articular ações dentro de um contexto organizacional acontece por meio dos atos de fala presentes nas conversas, em outras palavras, por meio da linguagem. Considerando que os atos de fala presentes nas conversações correspondem ao núcleo de todo o processo de trabalho realizado nas organizações e que o principal papel do gestor está em cuidar da articulação e ativação de compromissos dentro da rede organizacional, para atingir seus resultados, os líderes devem estar atentos aos esforços necessários para a geração e manutenção de redes de conversações efetivas dentro das organizações (WINOGRAD e FLORES, 1988; FLORES, 2015).

Em consequência do desenvolvimento epistemológico da Ciência da Informação, os indivíduos passaram de meros emissores e receptores passivos de informação a sujeitos – agentes ativos no processo informacional. Daí a importância do desenvolvimento de um pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. Dessa forma, embora este artigo não tenha como objetivo detalhar o universo de possibilidades relacionadas à dinâmica “linguagem e ação” trabalhado no âmbito da Ontologia da Linguagem, é possível a partir dos campos de estudo explorados pela área, chamar atenção para as possibilidades e necessidades de mudanças na forma de “compreender” e “lidar” com os profissionais e usuários das unidades de informação em tempos de dados abertos e massivos. Abaixo algumas provocações.

- No nível do “compreender”, a Ontologia da Linguagem eleva os profissionais e os usuários das unidades de informação ao papel de co-criadores das realidades nas quais encontram-se inseridos. Dão a eles o *status* de seres linguísticos e vê suas capacidades e competências conversacionais como capacidades e competências para atuar e interferir nas suas unidades de informação.
- No nível do “lidar”, ao investigar as dimensões constituintes que todos compartilhamos como seres humanos, a Ontologia da Linguagem aponta para a necessidade de considerar a relação entre os seres humanos, seus modelos

mentais – história, biologia, linguagem, cultura (KOFMAN, 2002) – e o ambiente no qual estão inseridos. Estes são fatores que influenciam a forma como os profissionais e os usuários das unidades de informação atuam e, conseqüentemente, alcançam resultados.

Essas reflexões sobre possíveis formas de “compreender” e “lidar” com os profissionais e os usuários das unidades de informação encontram eco nos desafios contemporâneos da Ciência da Informação e abrem espaços para investigações relacionadas: ao que torna uma pessoa inteira (“plena”) na sua capacidade de agir e contribuir para o mundo – organizações, unidades informacionais etc.; ao que move as pessoas nas suas relações fundamentais para atingir resultados; ao que faz com que pessoas com tanto acesso à informação não as usem a favor de si próprias e da sociedade; e, ao como a Ciência da Informação do século XXI pode contribuir para a ação dos sujeitos no mundo e gerar benefícios para a humanidade.

8. Considerações finais

A presente pesquisa debruçou-se em investigações de enfoque epistemológico sobre intersecções entre a Ontologia da Linguagem e a Ciência da Informação que contribuíssem para análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. Para assegurar a consistência das reflexões, recorreu-se a teóricos e estudiosos das duas áreas, como Rafael Echeverría, Fernando Flores (Ontologia da Linguagem), Rafael Capurro e Gernot Wersig (Ciência da Informação).

As referidas investigações não propuseram esgotar as complexidades inerentes aos assuntos abordados, mas delinear, com a história contada, os primórdios da linguagem humana, passando pela trajetória filosófica ocidental até a Filosofia da Linguagem (item 3), pela concepção da Ontologia da Linguagem (item 4) e pelo percurso epistemológico da Ciência da Informação (item 5). As considerações citadas no referencial teórico sistematizaram argumentos e pontos de contato entre as duas áreas que, adiante, autorizaram recuperar ponderações relativas ao que se passa por traz do modo de agir das pessoas (item 6). Na sequência, a percepção do indivíduo como agente ativo no processo informacional – que vive e atua em redes de compromissos – ancora uma análise que faz uso dos postulados e princípios da Ontologia da Linguagem e dos desafios e tendências contemporâneas da Ciência da Informação para chamar atenção para as possibilidades e necessidades de mudanças na forma de “compreender” e “lidar” com os profissionais e os usuários das unidades de informação (item 7).

Ao elevar os profissionais e os usuários ao *status* de seres linguísticos e ver suas capacidades e competências conversacionais como capacidades e competências para atuar e interferir nas suas unidades de informação, a partir dos seus modelos mentais e do ambiente em que estão inseridos, esta pesquisa contribui para situar a importância das conversas e suas conseqüências nas redes de compromissos que permeiam as unidades de informação. O que implica em investigações a respeito do que move e do que está por traz das dinâmicas conversacionais que movem as organizações.

Além de abrir espaço para novas investigações, essas reflexões fornecem insumos para o questionamento do papel dos profissionais e dos usuários como agentes ativos no processo informacional que impactam e são impactados pelo meio em que vivem. Também fornecem insumos para o desenvolvimento de alternativas de intervenção profissional nas unidades de informação, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da Ciência da Informação.

9. Referências

- Araújo, C. A. Á. (2003). A ciência da informação como ciência social. *Convergência em Ciência da Informação*, v. 32, n. 3, pp. 21-27. E-ISSN: 2595-4768.
- Araújo, C. A. Á. (2018). Um mapa da ciência da informação: história, subáreas e paradigmas. *Convergência em Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, pp. 47-73. E-ISSN: 2595-4768.
- Berger, P. L.; Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. ISBN: 9788532605986.
- Berger, P.; Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes. ISBN: 8532605982.
- Borko, H. (1968). Information science: what is this? *American Documentation*, v. 19, pp. 3-5. ISBN: 0096-946X.
- Brookes, B. C. (1980). The foundation of Information Science. Part I. Philosophical Aspects. *Journal of Information Science*, n.2, pp. 125-133. ISSN: 0165-5515.
- Buckland, M. K. (1991). Information as a thing. *Journal of the American Society for Information Science (1986-1998)*, v. 42, n. 5, p. 351-360, June. ISSN: 1532-2882.
- Capurro, R. (2003). Epistemologia e Ciência da Informação. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 11-2003.
- Capurro, R.; Hjørland, B. (2007). O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1. ISSN: 19815344.
- Echeverría, R. (1997). *Ontologia del lenguaje*. 8ª Ed. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones. ISBN: 9567802335.
- Flores, F. (2015). *Conversaciones para la acción. Inculcando una cultura de compromiso em nuestras relaciones de trabajo*. Bogotá: Lemoine Editores. ISBN: 9781508651888.
- Gómez, M. N. G. (1990). O objeto de estudo da ciência da Informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília: IBICT, v.19, n.2, pp. 117-122. ISSN: 0100-1965.
- Gracioso, L. S.; Saldanha, G. S. (2011). *Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: da pragmática informacional à web pragmática*. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011. 160 p. ISBN: 9788586305917.
- Kaye, D. (1995). The nature of information. *Library Review*, v. 44. Edição: 8, pp.37-48, <https://doi.org/10.1108/00242539510147728>.
- Kofman, F. (2002). *Metamanagement: a nova consciência dos negócios* (Vols. 1-3). São Paulo: Antakarana Cultura, Arte e Ciência / Willis Harman House. ISBN: 9788588262027, 9788588262034 and 9788588262041.
- Levy, P. (2014). *A esfera semântica. Tomo I Computação, cognição, economia da informação*. Tradução Daniel P.P. Costa. São Paulo: Annablume. ISBN: 9788539106301.

Robrero, J. (2007). Filosofia da ciência da informação ou ciência da informação e filosofia?. In Toutain, L. M. B. B. (Org.), *Para entender a Ciência da Informação* (pp. 35-71). Salvador: EDUFBA. ISBN: 9788523204778.

Saracevic, T. (1995). Interdisciplinary nature of Information Science. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1. ISSN: 1518-8353.

Shannon C. E.; Weaver, W. (1949). *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949. ISBN: 0-252-72546-8

Wersig, G.; Neveling U. (1975). The phenomena of interest to information science. *Information Scientist*, v. 9, pp. 127-140. ISSN: 0020-0255.

Wersig, G. (1993). Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, v. 29, n. 2, pp. 229-239. ISSN: 0306-4573.

Winograd, T.; Flores, F. (1988). *Understanding computers and cognition: A new foundation for design*. Norwood, NJ: Ablex. ISBN: 978-0201112979.